

Sandra de Castro

A Visita

Chegou visita em casa e não sabemos se a Fera dará ou não as caras. Ele a cumprimentou até bem, sem mostrar sua verdadeira natureza. A visita entrou falante, risonha e simpática. É simpática sempre; passa na rua, sorri e cumprimenta. Com ela do lado de fora, fica mais fácil valorizar sua simpatia. Só que agora seus pés estão do lado de dentro, no território da Besta, e não conseguimos prestar atenção em mais nada.

Estamos em estado de alerta, nosso estado mais usual. Disfarçamos muito nessas ocasiões, mas já sentimos invariavelmente uma vergonha antecipada. É apenas questão de tempo e oportunidade, o Animal dará as caras. Não sabemos como, não conseguimos antever o gatilho, não sabemos o quanto dura e desconhecemos totalmente seu mecanismo de contenção. Nunca saber o momento exato nos mantém vigilantes, os

Sandra de Castro nasceu em Curitiba/PR. É autora do livro de microcontos *Salto mortal* (Penalux/2021), dos ebooks *A prosa do desconforto — Contos de desamor e outros escritos* (e-galaxia/2017) e *Entre o frango e a crônica* (e-galaxia/2015). Tem textos publicados em antologias e revistas culturais, como prêmio OFF Flip (2022), Zarpadas (Abarca/2023) e *Revista Traços*. Pós-graduada em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília, cursa a pós-graduação Formação de Escritores, núcleo de Ficção, no Instituto Vera Cruz.

músculos retesados. O frio é muito intenso. Parece piorar assim que a visita se atreve a botar os dois pezinhos porta adentro. Mais que o frio, é a antecipação que congela nosso sangue. A visita nem nota que mal respiramos. Nossa mãe a cumprimenta acolhedora, aparentando ignorar o perigo. A visita quer pedir emprestado não sei o quê. Olhamos discretamente uns para os outros e lemos nossos pensamentos: e se for algo que pertença à Criatura? Mas tudo pertence à Criatura, ele não se cansa de nos lembrar. Discretos e ao mesmo tempo vigilantes, o observamos: permanece calmo. A mãe sabe onde está a coisa que a visita quer. Parece fácil, parece rápido. Logo voltaremos à vida normal.

A visita está empolgada, quer bater papo, pede água, pergunta coisas, conversa amenidades e estica o tempo permitido para sua permanência. A mãe já não parece tão relaxada e confiante. Falta ar na casa. A Fera começa a se impacientar.

A visita, descuidada, papeando, se dirige àquela cadeira proibida. Se ela se sentar, é sabido que ele sairá da sua caverna. Ou não. Às vezes, não. Mas o sobressalto e a tensão já estão lá, corroendo nossa pele, tomando todos os espaços. De qual submundo vinha aquilo que pouco a pouco ia se metamorfoseando, crescendo, desestabilizando-se, enfurecendo-se? A voz da visita parece cada vez mais distante e a língua que ela fala parece vir de outro continente.

A visita se senta na cadeira dele. O chão começa a tremer. São segundos de um habitual e silencioso desespero. A Besta transita agora em círculos pela cozinha e deseja a morte da visita. Vê-se naqueles olhos injetados. Se fosse dado à violência física, a trucidaria. Porém, não é e nem precisa ser. Ele opera em outra lógica, no transtorno. Faz definhar as entranhas do oponente, eclipsa seu juízo. Seu andar bestial vai destruindo tudo de puro e alegre que encontra pelo caminho. O Monstro ataca nossa alma. É lá que ele se instala e age; é dela que se alimenta, é onde será lembrado para sempre.

A visita, ignorante de tudo o que se passa naquele espaço enquanto ali não esteve, é violentamente confrontada pela Criatura. O Animal bafura aproximando seu focinho do rosto daquela nova vítima despreparada, enquanto a mira diretamente nos olhos. O sangue da visita também parece começar a congelar. Promovida de chofre ao grau de arqui-inimiga, a visita agora foi convertida, aos olhos da Fera, em alguém altamente

perigoso, que de propósito invadira aquele espaço para então se apoderar de uma cadeira que não era sua; alguém que cinicamente ria por dentro por ter ludibriado a Besta; que se fingia simpática apenas para ocupar aquele canto que não lhe pertencia.

A visita parece estar agora em choque, se desequilibra, levanta, recua, tropeça, se despede rapidamente e foge entendendo muito pouco da dinâmica que convertera aquele lar amigável, de aparente tranquilidade, num prenúncio de caos, de um segundo a outro.

A visita escapou. De certa forma, ficamos aliviados. De outra, a culpamos por provocar o Monstro. Também nos entristecemos: é mais alguém a passar por ali, experimentar a peçonha e se mostrar impotente para quebrar esse ciclo insano. Um mundo de bestialidades desconcertantes sob pares de olhos infantis.

Quem espia de fora da jaula imagina ver um episódio, um momento isolado no tempo. Não. São registros diários, tempo e espaço distorcidos pelo ato ou pela expectativa de que a Fera saia e ameace alguém. Nós. E sempre seremos nós. Ninguém mais sabe que a Besta mora ali, que num dia gargalha e assobia e canta, no outro tropeça sobre nossa cabeça e pisoteia nossa alma. O frio é de matar. Matou, de fato, várias pessoas pelas ruas da cidade durante a madrugada. Gente encolhida, como nós, debaixo de muita névoa e garoa fina. ■